

O IDIOMA NO BRASIL.

Arthur Virmond de Lacerda Neto.
10.IV.2020.

I- Um vício.

II- Tradução brasileira de Goethe.

III- Mudanças para pior.

IV- Como reagir ? Como contrariar a mediocridade circundante ?

V- Comparações: Brasil e Portugal.

I- Um vício.

O tempo deles passou	e não:	O tempo deles passaram.
A caixa de sapatos está vazia	e não:	A caixa de sapatos estão vazias.
O preço das ações aumentou	e não:	O preço das ações aumentaram.
O nível dos alunos diminuiu	e não:	O nível dos alunos diminuíram.
A regra dos gregos era a de que [...]	e não:	A regra dos gregos eram as de que [...].

Se tu falas ou escreves com as primeiras formas que registrei acima, falas erradamente, com vício. Em idioma existe certo e errado e é óbvio que o verbo deve concordar com o sujeito.

II- Tradução brasileira de Goethe.

O pior é ver este gênero de aberração (e outras) em tradução de Goethe, publicada pela Unesp. Péssimo serviço, o do tradutor Mário Luiz Frungillo, que incorporou vícios da coloquialidade brasileira à elocução de João (Johann) Goethe e de seu interlocutor João (Johann) Pedro (Peter) Eckermann, ambos homens cultivados, que se brasileiros fossem, não se comunicariam daquela forma nem se comunicaram em alemão vicioso e agramatical. À esta luz, o tradutor falsificou os diálogos, rebaixou a qualidade literária do texto e contribuiu para introduzir confusão entre o certo e o errado, entre a vulgaridade e o que é diferente dela, entre o que é gramatical e o heteróclito, entre o que equivale a como Goethe e Eckermann (e terceiros) teriam falado se o houvessem feito em português no Brasil, em 2020, e como eles decididamente não o teriam feito.

Nem Goethe nem Eckermann reconhecer-se-iam em vários lugares naquela tradução, confortável para o vulgo, afeito a ouvir e a praticar certas formas nela consignadas. Contudo, para o leitor exigente, que procura textos de qualidade, que aspira ao bom e ao melhor e recusa a mediocridade ambiente, que se pauta, virtuosamente, pela gramática normativa, a incorporação dos vícios e dos empobrecimentos coloquiais é inaceitável.

Não que a redação da tradução seja inteiramente ruim. Ao invés: ela tem qualidade e beleza sempre que se manteve gramaticalmente correta, mas é esquisita e feia nos inúmeros lugares em que aderiu às manifestações da incultura presente no falante médio brasileiro de nosso tempo.

III- Mudanças para pior.

À medida em que o ensino do idioma no Brasil foi se degradando, em que as escolas tornaram-se ideológicas e militantes, em que se incutiu a mentalidade de que "pode falar como quizer, só tem que escrevê direito", em que a sociolinguística criou a mistificação da inexistência de certo e errado e de que a gramática é opressora, tudo isto combinado resultou em que o vulgo, o comum do povo, deixou de saber os recursos do idioma como poderia (bem) e deveria (plenamente) e passou a falar e a escrever como sabe (pouco) e pode (mal), com o beneplácito de doutores adesos ao tal idioma brasileiro, até já codificado em gramática normativa (seus doutorados impressionam aos ingênuos, não a mim).

Eis a origem de empobrecimentos vários, de simplificações que não evidenciam apenas menor esforço, mas também conhecimento inferior e desleixo: supressão das partículas dos verbos transitivos indiretos (responder A, agradecer A, obedecer A), dos advérbios de modo (urgenteMENTE), das preposições (dia EM que nasceu, dever A que está obrigado, fico feliz POR que você veio); uso errado de verbos (despesas incorridas, objetos aderidos por pessoas), exigüidade semântica, desconhecimento da mesóclise ("dar-se-á", escreveu Caminha, no primeiro elogio

que se fez das terras brasileiras), dos pronomes contraídos (vendi-lho, dá-ma, recomendo-vo-lo, agravou-se-lhe a situação, apressou-se-nos a solução), prescrição da segundas pessoas (fazei vós vossa parte, virás) bem assim a propagação de vícios, por sua vez epifenômeno: como a maioria sabe pouco e mal, basta que um qualquer (que sabe pouco e mal) use o idioma erradamente, para que os outros notem a diferença (as pessoas notam-nas) e imitem o que lhes chama a atenção. São os erros e os vícios que, especificamente, propagam-se.

Não basta igualar o erro ou o vício a "variante" ou invocar a esta para supostamente cancelá-los. O sociolinguísta "positivista"¹, empiricista, redutor, averigua a "variante" e até a celebra; o gramático, o cultor do idioma, quem o preza, quem lhe aplique discernimento, quem recuse formar com a mediocridade ambiente, avalia a qualidade da variante e seu mérito intrínseco, julga-a, percebe o erro, o vício, o empobrecimento, exerce sua inteligência e enjeita-os.

Ao vulgo falece capacidade de avaliar as novidades, que depressa propagam-se no Brasil. Como a massa é sub-instruída em idioma, as novidades são para pior. Por isto, no Brasil, o idioma, que é "vivo" e que "muda", só tem mudado para pior.

Alguns alegam em defesa das inovações que "a língua muda", como se toda mudança fosse desejável e bem-vinda, como se fosse virtuosa a mudança em si, qualquer mudança. O argumento é exemplarmente tolo e assaz conveniente: ele isenta o indivíduo de saber o idioma e de seguir-lhe regras. Afinal, as mudanças dão-se contra as regras e aprendê-las custa esforço, atenção, disciplina, prática e, antes de tudo, vontade. Interrogo-me até que ponto aos estudantes brasileiros e ao brasileiro médio anima a vontade virtuosamente aplicada ao idioma.

IV- Como reagir ? Como contrariar a mediocridade circundante ?

Leia, leia muito autores brasileiros e tradutores (brasileiros) de até cerca de 1975. Leia por inteiro Machado, Aluísio de Azevedo, Saramago e outros. Aprenda com eles. Despreze traduções nacionais de meados de 1980 para cá, máxime do inglês; desconfie de como falam seus amigos, vizinhos, parentes, exceto se forem leitores assíduos (são-no raramente). Consulte regularmente dicionários e gramáticas; prefira traduções portuguesas.

É útil ler gazetas portuguesas (*Público, Independente*): note o esmero com que são redigidas. É forma de aprendizado e comparação que, aliás, coopera para desmentir a pretendida existência do "idioma brasileiro", fomentada no Brasil pelo anti-portuguesismo e (parcialmente) pelo já clássico mito da inculpação do passado colonial pelos males do Brasil.

Se quiser militar pró-forma culta do idioma, escreva em redes sociais e em blogues. Afirme idéias valorizadoras dela, reafirme-as, repita-as, insista nelas; dê o exemplo; denuncie a mediocrização do idioma, combata-a; exponha as virtudes do saber gramatical; enalteça a beleza, a destreza, a clareza do texto de qualidade.

Suscitar o tema é o primeiro passo, de que o segundo consiste em reiterar posições.

V- Comparações: Brasil e Portugal.

As diferenças idiomáticas entre Brasil e Portugal radicam em escassos localismos (há mais diferenças léxicas entre Porto Alegre e Salvador do que entre Brasil e Portugal. Ninguém seria avoado ao ponto de reivindicar a realidade da língua porto-alegrense ou soteropolitano e proclamar a independência idiomática destas capitais.) e na propriedade com que em Portugal até as crianças exprimem-se (elas reproduzem o que ouvem e aplicam o que se lhes ensina).

Alguns realçam o distanciamento idiomático crescente entre Brasil e Portugal e até auguram a existência, no porvir, do tal "idioma brasileiro". Há distanciamento se se considerar a forma como a massa serve-se do idioma no Brasil, como fruto da negligência no seu ensino, do desprezo pelas regras, da passividade em relação às "variantes", da celebração da novidade, da proclamação de "direitos" idiomáticos sem nenhum reconhecimento de deveres idiomáticos. Mas a presença de cem mil brasileiros imigrantes em Portugal revela a fácil adaptação dos brasileiros ao "português de Portugal" e inválida, na prática, a apregoada discrepância².

¹ Detesto empregar tal adjetivo com acepção pejorativa. Deve-se reservá-lo para referir a doutrina de Augusto Comte, rica de virtudes intelectuais, afetivas e práticas, à guisa de encômio e jamais como acusação desdenhosa, produto injusto do desconhecimento correto do positivismo e de sua deturpação. Vali-me do vocábulo com intuito acusador e despectivo, entre aspas, para frisar-lhe a acepção por assim dizer metafórica e imprópria, defeitos apesar dos quais ela é corrente.

² A diferença mais relevante entre a forma como se usa o idioma cá e lá radica na velocidade da pronúncia, que no Brasil se manteve lerdá, tal qual se falava até o século XVIII, ao passo que em Portugal (na Espanha e nos vizinhos do Brasil) a dicção apressou-se. Os brasileiros falam geralmente devagar, notadamente no sul e menos no nordeste; os portugueses, os espanhóis, os argentinos, os uruguaios falam depressa demais para o ritmo brasileiro.

Há outra comparação, raramente invocada e importante: a da forma como o brasileiro usa seu idioma atualmente com a como ele fazia-o até trinta ou quarenta anos e mais; o quanto ele sabia-o antanho com o quanto dele sabe presentemente; o quanto o valorizava antes e o quanto o desvaloriza agora.

Cotejar o uso dos brasileiros com o dos portugueses presta-se a fáceis mistificações³, porém o cotejo do padrão médio do próprio Brasil em diferentes gerações e tempos revela em que sentido evoluiu o idioma entre nós (independentemente de sua evolução em Portugal): alterou-se para pior, empobreceu-se, mediocrizou-se.

A língua portuguesa é importante; é ela que se fala e escreve no Brasil; ela é valor cultural; é bela quando bem falada e escrita; é rica de recursos e possibilidades; dispomos-lhe de literatura magnífica; falar com propriedade e correção é meritório; erros de gramática devem ser corrigidos; o vulgo deve ser elevado da sua incultura para a cultura; a ignorância dos recursos do idioma é mal por erradicar; o domínio cabal do vernáculo é vantajoso nas relações sociais; todos devem ser exímios em português antes de serem "fluentes" em inglês; traduções com sintaxe e vocabulário estrangeiros são mal-vindos: tudo isto exprime a mentalidade que rareia entre nós, de que resulta o uso do idioma que entre nós abunda. Em Portugal é ao contrário.

³ Por exemplo: trata-se de países diferentes e, portanto, de idioma distintos; por sermos país autônomo, não nos devemos sujeitar a regras estrangeiras e sim criar próprias; o brasileiro não fala como o português.